

A LOUCURA, O ENGAJAMENTO E O IDEALISMO: UM PARALELO ENTRE POLICARPO QUARESMA E DOM QUIXOTE¹

Francisco das Chagas Souza COSTA²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
fchagas2009@gmail.com

Resumo: Não obstante o seu caráter, eminentemente metafórico e o seu inevitável compromisso com o imaginário, a natureza mimética da literatura nunca pode ser subestimada. Por isso que se diz que não existe literatura, cabalmente isenta de posições ideológicas. É óbvio que, ao longo da história, uma ou outra obra literária se destaca pelo seu viés ideológico, o que a caracteriza como aquilo que se chama de arte engajada. Nesse sentido, o presente artigo, pretende apresentar uma breve discussão sobre as similaridades ideológicas existentes entre dois personagens da literatura universal: Policarpo Quaresma (da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor Lima Barreto) e Dom Quixote (da obra *O engenho fidalgo Dom Quixote de La Mancha* do escritor Miguel de Cervantes). Inserido no campo da literatura comparada, o trabalho, ora posto, não se limita a expor coincidências temáticas, formais ou no plano das ideias, mas também reflete sobre uma arte literária que idealiza mudanças reais numa sociedade cheia de desajustes. A visão utópica é tão exacerbada nesses dois personagens aos quais o mundo só poderia impor a pecha de devaneio. A ideia de loucura e/ou idealismo se configuram numa linha muito tênue, quando se analisa o enredo dessas duas figuras. Tentar compreender a realidade e, sobretudo, transformá-la não é tarefa para quem tem bom senso. Ocorre, assim, uma espécie de heroísmo sempre sujeito ao escárnio e à ingratidão. Policarpo Quaresma e Dom Quixote parecem ser uma amostra dessa realidade.

Palavras-chave: Dom Quixote. Engajamento. Idealismo. Loucura. Policarpo Quaresma.

MADNESS, ENGAGEMENT AND IDEALISM: A PARALLEL BETWEEN POLICARPO QUARESMA AND DON QUIXOTE

Abstract: Despite its eminently metaphorical character and its inevitable compromise with the imaginary, the mimetic nature of literature can never be underestimated. For it is said that there is no literature fully free from ideological positions. Of course, throughout history, one or other literary work stands out for its ideological bias, which characterizes it as what is called engaged art. In this sense, this article aims to present a brief discussion of the existing ideological similarities between two characters of world literature: Policarpo Quaresma (the *Sad End of Policarpo* writer Quaresma Lima Barreto work) and Don Quixote (the work *The nobleman ingenuity Don Quixote La Mancha* writer Miguel de Cervantes). Inserted in the field of comparative literature, work, now stand, is not limited to expose thematic coincidences, formal or in terms of ideas, but also reflects on a literary art that idealizes real changes in full of misfits society. The Utopian vision is so exacerbated in these two characters that the world could only impose them the taint of

¹ Este artigo foi orientado pelo professor Manoel Freire Rodrigues, Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, UERN-CAMEAM, Campus de Pau dos Ferros-RN.

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, UERN-CAMEAM, Campus de Pau dos Ferros-RN.

reverie. The idea of madness and / or idealism are configured in a very fine line when analyzing the plot of these characters. Trying to understand the reality and, above all, make it is not a task for those who have common sense. It is a kind of heroism always subject to scorn and ingratitude. Policarpo Quaresma and Don Quixote appear to be a sample of this reality.

Keywords: Don Quixote, Engagement, Idealism, Madness, Policarpo Quaresma.

1 Considerações iniciais

A literatura é um vasto campo do conhecimento a ser estudado, discutido e questionado incessantemente. Com isso, a crítica literária avança na medida em que abre espaço para óticas que, mesmo não originais, contribuem através de um debate pertinente. Nessa seara na qual o fazer literário é posto em discussão, muitas postulações são colocadas sem, necessariamente, se contraporem, de modo categórico, às outras ideias aparentemente inconciliáveis. Em outras palavras, a própria concepção de literatura, que é o cerne de toda essa celeuma, pode abarcar a ideia de arte calcada no imaginário, fantástico e irreal simultaneamente à possibilidade de um maior pragmatismo quando escritores se propõem a interferir nas estruturas sociais e políticas por meio do despertar de consciências.

A literatura como arte engajada, nesse sentido, ganha uma dimensão mais nítida quanto aos seus propósitos. Mesmo com toda a subjetividade e subentendidos que norteiam a arte literária, a necessidade de questionar, denunciar e mudar uma realidade social faz com que alguns artistas da palavra se sujeitem a uma empreitada supostamente inócua, mas, com certeza, muito valorosa: constituir uma sociedade mais crítica e politizada.

Na esteira dessas ideias, é possível encontrar personagens da literatura que pelas suas características e os enredos nos quais estão inseridos se aproximam, ideologicamente, no tocante ao desejo de corrigir realidades de um mundo em crise e desajustado. Não é de hoje, por exemplo, que se postula o parentesco entre o personagem Policarpo Quaresma (da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor Lima Barreto) e Dom Quixote (da obra escrita pelo espanhol Miguel de Cervantes). As semelhanças entre tais personagens são patentes e podem ser contempladas por mais de um viés. O aspecto cômico dos personagens, que é capaz de fazer um bom leitor “cair na gargalhada”, é plausível.

No entanto, o que se propõe, nesse conjunto de ideias, é compreender e discutir elementos ideológicos e posições políticas subjacentes em figuras tão conhecidas da literatura que muitas vezes são mal interpretadas. A exposição ao ridículo e à realização de atos insanos são, nesse caso, os subterfúgios para que os personagens expressem “literariamente” ideias que não podem ser ditas com maior transparência. Policarpo Quaresma e Dom Quixote constituem, assim, figuras que simbolizam um idealismo que precisa se transfigurar em loucura, pois apenas “loucos” teriam coragem de pôr em prática ideias tão subversivas. É justamente com essas premissas que as ideias que se seguem são calcadas. Nesse sentido, o Quaresma se coaduna com o Quixote para revelarem que não se pode desistir de “combater o bom combate”.

2 O que se entende por engajamento sociopolítico na literatura?

Quando se fala em literatura, uma das primeiras ideias que vem à mente é da escrita imaginária, ficcional, figurada e que reflete, de modo eminente, a subjetividade do escritor. É como se o meio externo (o contexto social e político) do qual o autor faz parte não pudesse interferir na arte quase sempre misteriosa. Assim, pouco importaria que acontecesse uma guerra, uma revolução socialista ou que crianças morressem de fome sem a assistência do poder público. Nada disso poderia ser motivo de escrita do artista, afinal a arte não teria compromisso com o social. Ela deveria ser antes de tudo, narcisista, olhar para si e contemplar sua beleza. Dessa forma, o escritor se preocuparia em ser reconhecido como um grande mago das palavras e seria insensível às mazelas sociais.

Essa noção de literatura enquanto arte que abdica de qualquer relação com os problemas sociais e políticos é válida, pois seria intransigência não reconhecer que existem escritores que se mostram desprovidos de atitudes filantrópicas, ou seja, sua atividade artística não está preocupada em defender os que estão à margem da sociedade.

Entende-se, assim, que não é conveniente ter uma ótica fechada e inflexível no tocante à forma como a literatura é vista e qual o seu papel na sociedade. Em outras palavras, devem-se respeitar as divergências teóricas e buscar elementos e argumentos que tomem legítima uma crítica literária. Nessa conjuntura de celeuma, defende-se que o contexto histórico tem muitas vezes grande relevância no fazer literário, ou seja, o escritor pode ser condicionado ao seu tempo. O pensamento de Bonnici e Zolin (2003, p. 123) combina com o que foi dito:

Pensar a literatura como um fenômeno diretamente ligado à vida social. Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da "inspiração" da artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto.

As palavras dos teóricos acima citados refutam a ideia de literatura enquanto resultado de uma expressão particular e subjetiva. A literatura apesar de ser arte, é feita por pessoas que estão inseridas numa sociedade que inevitavelmente tem problemas como: desemprego, fome, discriminação, violência, corrupção política, entre outros. Assim, cabe ao escritor optar pela reflexão acerca desses problemas. Com essa lógica, pode-se dizer que a literatura não tem obrigação de ser posta como uma arte engajada em defesa de um ideal político ou social. No entanto, não há quem impeça que um ou outro escritor torne a literatura como instrumento a favor de uma causa.

Sendo assim, a literatura pode ser vista também como uma possibilidade de engajamento sociopolítico, isto é, pode ser uma "arma" para que o escritor faça denúncias, critique, defenda ideais e procure intervir no processo histórico do qual faz parte. Nesse sentido é possível que se diga que a arte é inócua no tocante a questões de ordem social e política, mas é preciso lembrar que "a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia", Bonnici e Zolin (2003, p. 131). Dessa forma, é na mente dos leitores que ecoa a mensagem dos literatos os quais veem na arte uma forma de defender ideologias.

Para quem não enxerga a literatura como uma simples linguagem adornada e objetivo de entretenimento, constitui-se óbvia a relação exequível entre a arte e a ideia de política e defesa de interesses de classes, ou seja, aquilo que se denominou de engajamento sociopolítico.

O termo engajamento sociopolítico merece, neste contexto, um melhor esclarecimento. Primeiramente o vocábulo "sociopolítico" tem justificado seu relacionamento com a literatura pelo fato de que os contextos sociais e políticos estão

inerentes à vida do escritor. Da mesma forma, sociedade e política são intrínsecas, isto é, não existe sociedade sem e vice-versa. Não é sem motivo que as organizações dos povos sempre partiram da ideia de Estado, governos que conduziram os rumos de uma sociedade. Como o literato faz parte de toda essa conjuntura, ele pode observar e analisar a sociedade em que vive e denunciar os desmandos da vida política que presencia.

No que se refere à noção de engajamento, é preciso reconhecer a imprecisão do termo. Dizer que se engajar é um ato de "levantar uma bandeira" em prol de uma causa não é para explicar essa literatura que se denominou de engajada. O crítico literário Schwarz (1999, p.172) comenta acerca desse fato:

Usada em sentido genérico, a palavra engajamento não tem cor própria. Um intelectual tanto pode se engajar no centro como na direita ou na esquerda. O senso das proposições, entretanto logo avisa que o termo parece excessivo para a opção pelo centro. Algo como "ousar" uma vida à pizzeria. No caso da direita, o que destoa é a defesa do privilégio, que briga com a vibração democrática que irradia daquela palavra, cuja parcialidade pela esquerda se deve à repercussão generosa da figura de Sartre.

Ao levar em consideração o que Schwarz afirmou sobre engajamento, é preciso reconhecer o teor eminentemente político desse termo já que o crítico se utiliza de expressões como "centro", "direita" e "esquerda" para comentar a não facilidade de se definir a ideia de engajamento. Essas três expressões têm no aspecto político uma tendência ideológica bem peculiar. Isso se explica pelo fato da origem de esses termos estarem no antigo parlamento francês no qual os políticos que ficavam no centro do parlamento não tinham posições políticas radicais nem a favor da elite nem do povo, ou seja, representavam o que se chama popularmente de "ficar em cima do muro". Os direitistas representavam os interesses da elite e por isso não queriam mudanças sociais. Já os esquerdistas defendiam a necessidade de alterações na estrutura social o que implicaria em ascensão social para os menos favorecidos. Dessa forma, estabelece-se uma oposição entre os direitistas e esquerdistas. E é nessas duas categorias político-ideológicas que alguns escritores tendem a se enquadrar enquanto engajados.

O engajamento sociopolítico de escritores que querem manter as estruturas sociais e políticas não é o mais comum na literatura, pois o ato de engajar-se aparece mais marcante quando existe uma força revolucionária que milita a favor dos marginalizados e que é vista como subversiva por quem tem o poder e não quer perder-lo por nada. Assim, o literato de tendência esquerdista quando se engaja toma às vezes uma atitude semelhante ao que Schwarz (1999, p.172) afirmou:

Com efeito, ao engajar-se o intelectual cometia uma traição de classe. Não só passava para o outro lado como colocava os seus conhecimentos e preparo cultural a serviço da luta dos despossuídos, ou, ainda redirecionava a cultura burguesa contra o seu fundamento de privilégio.

A literatura brasileira apresenta exemplos de escritores que independentemente da escola literária a que foram impostos, tem uma produção literária que não desmente Schwarz (1999). Castro Alves que não por acaso recebeu o nome de "poeta dos escravos" simboliza bem esse intelectual que embora não pertencesse às classes oprimidas da sociedade, colocou-se a serviço de uma causa nobre: a luta a favor do fim da escravidão e a conquista da dignidade pelo povo afro-brasileiro. O referido poeta enquadrou-se num

grupo de poetas que estavam relacionados ao que se pode chamar de Romantismo político social e sobre esse fato Junior e Campedelli (1991, p.75) comentam:

Figuraram neste agrupamento poetas preocupados com a questão político-social, objeto de reflexão sobretudo após a Guerra do Paraguai. Suas produções revelaram técnica oratória e tiveram a intenção de intervir no processo histórico do país, urna literatura engajada, o favor da República e da Abolição da escravatura. Esse romantismo revolucionário foi de influência de Victor Hugo e recebeu o nome de "condoreiro", devido a seus "altos voos": Castro Alves foi o principal representante desse agrupamento.

Assim, como Castro Alves seria possível citar outros literatos engajados de esquerda sem seguir necessariamente uma ordem cronológica já que o que vale é o exemplo coerente com a ideia que se teve e não a obediência cega a um paradigma que às vezes tende a inibir a profundidade crítica do teórico. Dessa forma, para evitar essa lista de escritores participantes ativos das mudanças sociais e Políticas das suas épocas, é oportuno e não redundante focalizar outro artista que não se esquivou do que se denomina de engajamento sociopolítico: Lima Barreto.

Em analogia com o "poeta dos escravos", que era abastado, Lima Barreto não traiu sua classe, pois ao engajar-se a favor dos marginalizados, ele defendeu uma causa também sua. Em outras palavras, o engajamento presente nesse escritor tem teor pessoal e social simultaneamente. Como afirmou Moraes (1983, p. 36): "A vida do homem Lima Barreto, a sua vida de escritor, de jornalista, é um grito contra todas as humilhações e diminuições, mas é, ao mesmo tempo, um depoimento de solidariedade para com todos os homens". Esse altruísmo é de fato marca presente em Lima Barreto, pois "permanecia intransigente na sua posição de escritor que jamais se desligara do povo e em tudo o que escrevia visava sempre a combater a opressão e a exploração que pesavam sobre o povo sofredor." (LUCAS, 1987, p. 24).

A arte literária foi, assim, nas mãos de escritores como Lima Barreto, o poder que se viu como mais significativo para interferir de alguma forma no processo histórico brasileiro na busca de um país mais igualitário socialmente e ético no campo da política. Nessa empreitada contra os de pensamento direitista, ou seja, aqueles que não queriam mudanças no sistema sociopolítico, Lima Barreto foi um militante ferrenho. Conforme Sevcenko (2003, p. 191): "A função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidente dos textos de Lima Barreto."

Essa literatura combativa, como qualquer outra, está subjacente a um momento histórico peculiar. No caso de Lima Barreto, os resquícios da escravidão e a construção do Brasil republicano foram as matérias mais férteis para uma revolta. As severas críticas e denúncias que ele fez contra o racismo, a situação do negro livre no Brasil e a República, são as amostras mais relevantes de um homem que lutou por uma causa imensa e até quase utópica: o Brasil dar certo à custa de transformações sociais e políticas radicais.

A postura tomada pelos autores como os mencionados mostra bem o que se entende por engajamento sociopolítico na literatura. Não se trata simplesmente ser militante de um ideal ou capricho ideológico em detrimento do fazer artístico. A presença desse engajamento não descaracteriza a literatura, é sim um componente a mais que faz de uma arte não só meio de fantasiar a realidade, mas de refletir sobre ela na busca de mudá-la no sentido de construir uma sociedade na qual prevaleça a equidade. O engajamento que foi visto é, portanto, solidário e tem uma empáfia social veemente. Assim, o literato que for

adepto dessa atitude engajada é antes de tudo um visionário, o que lhe confere méritos e créditos no tocante a arte literária.

3 Coincidências entre os personagens Policarpo Quaresma e Dom Quixote: loucura e idealismo

É sabido que a obra literária não nasce do vácuo nem da simples inspiração íntima do autor. O contexto histórico é um condicionador relevante na construção do fazer literário. Da mesma forma que a experiência de vida do escritor pode influenciar as suas obras, as leituras que faz são as matérias-primas que reformuladas e refletidas dão origem a outros textos que não são plágios no sentido pejorativo do termo, mas podem lembrar as matrizes de onde vieram.

O que se quer dizer é a ideia que já parece consensual, todo texto é feito a partir da leitura de outros textos, ou seja, ler e escrever são atitudes interdependentes e isso se aplica também à literatura. Daí a possibilidade de se poder enxergar a presença de um texto em outro. E assim, surge na crítica literária o interesse em estabelecer analogias entre autores, obras, personagens para encontrar laços que os liguem. Nasceu, dessa forma, o que se convencionou chamar Literatura Comparada.

A expressão Literatura Comparada e a ideia de estabelecer relações entre obras nas quais apareçam confluências foi firmada na França por volta do século XVIII, no entanto, esse novo ramo ou método de estudo disponível para a crítica literária não esteve nem está livre de controvérsias. Acerca desse fato Carvalhal (1986, p.5) fez o seguinte comentário:

À primeira vista, a expressão "literatura comparada" não causa problemas de interpretação. Usada no singular, mas geralmente compreendida no plural, ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas. No entanto, quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como "estudos literários comparados", percebemos que essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação. Paralelamente a um denso bloco de trabalhos que examinam a migração de temas, motivos e mitos nas diversas literaturas, que buscam referências de fontes e sinais de influências, encontramos outros que comparam obras pertencentes a um mesmo sistema literário ou investigam processos de estruturação das obras. A diversidade desses estudos acentua a complexidade da questão.

Independentemente da celeuma e da complexidade que está em torno da Literatura Comparada, não resta dúvida da sua importância como meio de realizar a crítica literária, já que "a noção de originalidade, vista, como sinônimo de 'geração espontânea', criação desligada de qualquer vínculo com obras anteriores, cai por terra". (CARVALHAL, 1986, p. 63). Nesse sentido, a Literatura Comparada reconhece a relevância da influência que obras exercem sobre outras, o que pode ter como efeito a semelhança de conteúdo e estrutura.

Ademais, é preciso esclarecer que o estudo da Literatura Comparada não se resume num simples confronto entre duas ou mais obras na qual se busca um traço de intertextualidade, pois cada obra quer seja a matriz quer a filial, isto é, tanto aquela que influencia como a que é influenciada tem suas peculiaridades porque se configuram no

contexto histórico próprio. Assim sendo, concorda-se com o pensamento de Carvalho (1986, p.8):

Entendido assim, o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, acultural, em suma com a história num contexto abrangente. Em síntese, o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o esforço teórico-crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas.

Vê-se logo que o maior desafio do comparativista não é encontrar semelhanças óbvias entre duas obras. Perceber a relação entre um texto e sua paródia, por exemplo, parece não conferir grandes méritos e além do mais é pouco ousado. Assim, é salutar que ao fazer a comparação entre obras, autores ou personagens, exponha-se não só relações linguísticas e de conteúdo, mas também os aspectos sociais, políticos e ideológicos que estão subjacentes.

Nessa tarefa de comparativista, encontra-se como matéria a ser trabalhada não duas obras, mas dois personagens que são na verdade os cerne das obras que não por coincidência têm basicamente os seus nomes. Fala-se de Policarpo Quaresma e Dom Quixote De La Mancha os quais são protagonistas respectivamente dos romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto e "*O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha*" do espanhol Miguel de Cervantes. Não obstante os dois personagens supracitados estejam em épocas e contextos histórico-literários distintos: o primeiro enquadrado no final do século XIX e no Pré-modernismo brasileiro e o segundo no século XVI e no Barroco espanhol, é possível encontrar coincidências que os relacione. Não é à toa que alguns críticos literários fazem referência a esse parentesco. Para exemplificar essa crítica que enxerga Policarpo Quaresma como um Dom Quixote brasileiro, pode-se citar teóricos como Bosi (1994, p.320):

No dizer arguto de Oliveira Lima, tem Policarpo algo de quixotesco e o romancista soube explorar os efeitos cômicos que todo quixotismo deve fatalmente produzir, ao lado patético que fatalmente acompanha a boa-fé desarmadas. Seus requerimentos pedindo às autoridades que introduzissem o tupi como língua oficial; sua forma insólita de receber visitas, chorando e gesticulando como um legítimo goitacá; suas baldadas pesquisas folclóricas na tapera de uma negra velha que mal recorda cantigas de ninar; são alguns dos recursos do autor para ferir a tecla do riso.

O crítico literário Regis de Moraes tem um entendimento que coaduna com o pensamento de Bosi, ao afirmar que:

O Major Quaresma é a caricatura de um patriota ingênuo. Através dele, o romancista põe ante nós o lado cândido e sincero que o patriotismo pode ter, bem como o seu lado meio maluco. Grande número de figuras caricatas contracenam com o Quaresma, com a diferença que esse último é, de todas, a única figura que atinge a grandeza pelo ridículo, que se faz heroína pelos avessos do anti-heroísmo. O Major Quaresma é uma caricatura tão genial que como Dom Quixote, se resgata inteiramente do naufrágio do ridículo. De certa forma o romancista está dizendo, novamente com um riso de canto de boca, que para ser muito bom e muito puro é preciso ser meio maluco, numa sociedade de corruptos de um país sem projetos. (MORAIS, 1983, p. 72).

Os comentários realizados pelos teóricos acima, revelam que os personagens Policarpo Quaresma e Dom Quixote estão ligados pelo que se pode chamar de metatextualidade, isto é, "relação ou comentário que une um texto a outro (crítica literária)" (BITENCOURT, 1996, p.13). Sendo assim, um dos primeiros indícios de que é possível fazer analogia entre os personagens já citados é dado pela própria crítica.

No entanto, não se trata simplesmente de dizer que esse ou aquele crítico literário percebeu alguma semelhança entre Policarpo Quaresma e Dom Quixote e dá-se por resolvido, pois muitos são os predicados que se podem atribuir simultaneamente a esses dois personagens da literatura universal.

Um dos traços que marcam tanto Policarpo Quaresma quanto Dom Quixote é a posição social de respeito que ocupavam. O primeiro tinha como prenome o título de Maior (sem ser de fato), e o segundo tinha também fumos de nobreza, pois possuía o título de Fidalgo. A suposta distinção que os dois possuíam não inibia o fato de serem excêntricos e suscetíveis a mudanças comportamentais radicais. Mesmo assim, ambos personagens possuíam inicialmente uma vida previsível, sem muitas aventuras nem perspectivas de transformações. É o que revela as passagens das obras a seguir:

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão de padaria francesa. Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que às três e quarenta, por aí assim, toava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito. A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se à pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: "Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou". E era assim, todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o major Quaresma podia levar um trem de vida superior aos seus recursosburocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado. (BARRETO, 1997, p. 17).

Nesse primeiro trecho que se refere à obra *Triste Fim* de Policarpo Quaresma, fica evidente que o protagonista não apresentava uma existência com grandes feitos, ou seja, tudo ocorria dentro de uma normalidade. Assim, a vida passava como um dia após o outro sem emoções fortes, mas com a respeitabilidade da sociedade. Nesse sentido, Dom

Quixote não é muito diferente do major Quaresma. É isso que se vê na segunda passagem a seguir:

Num lugar da Mancha, cujo nome não quero lembrar, vivia; não faz muito tempo, um fidalgo, desses de lança guardada em cabide, adarga antiga, rocim frouxo e galgo corredor. Cozidos, em que havia mais de vaca que de carneiro; guisados na maioria das noites, duelos-e-quebrantos aos sábados, lentilhas às sextas, uma pombinha a mais aos domingos, consumiam três quartos de sua fazenda. O restante ficava por conta de uma capa negra e lustrosa, calças de veludo para as festas, com pantufos do mesmo pano; e nos dias comuns trajava seu mais fino velhori. Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que ainda não chegara aos vinte, e um criado que era pau para toda obra: tanto selava o rocim, como empunhava o podão. Nosso fidalgo já beirava os cinquenta; era de compleição rija, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador habitual e amigo das calçadas. (CERVANTES, 1983; p. 27).

Como é visto, os dois homens de meia idade levavam uma vida tranquila, sem muitos aborrecimentos e financeiramente satisfatória. Poderiam viver sem preocupações de ordem social e política e não meter ideologias "subversivas" na mente. No entanto, se assim fosse talvez não passassem de meros estereótipos numa sociedade que não conseguia perceber os seus desajustes. A leitura assídua aparece, assim, como o mecanismo que conseguiu despertá-los no sentido de oferecer as ideias para o que eles deveriam fazer pelo semelhante. As duas passagens a seguir mostram o quanto Policarpo Quaresma e Dom Quixote tinham paixão pelos livros:

Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tido como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopeia; o Gregário de matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do Major. (BARRETO, 1983, p. 19).

Cumprir saber que o sobredito fidalgo, em seu momento de ócio (ou seja, na maior parte do ano), entregava-se a devorar livros de cavalaria, com tanta paixão e gosto, que deu de esquecer-se por completo do exercício da caça, e até mesmo o da administração da fazenda; e a tanto chegaram sua curiosidade e desatino, que vendeu muitos alqueires de terras de plantio para comprar livros de cavalaria, levando para casa todos os que se pôde encontrar (...). Ainda mais encantado ficava quando lia os requebros e cartas de desafio, onde em muitas partes se vim coisas como: "A razão da sem-razão que à minha razão se faz, de tal maneira a minha razão enfraquece, que com razão me queixo de vossa formosura". E também quando lia: "os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrevas vos fortificam e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza". Com tais razões, o pobre cavaleiro perdia o juízo... (CERVANTES, 1983, p.28)

A suposta perda da razão sofrida por Policarpo Quaresma e Dom Quixote decorrida também do excesso de leitura que já é irônico, tem no seu bojo a representação de dois grandes heróis cujas ideologias altruístas, filantrópicas e revolucionárias não ganham apoio na sociedade. Dessa forma, são considerados loucos, mas essa "loucura" não é o puro desequilíbrio mental, mas a inadequação que seus pensamentos encontram perante a sociedade. Esse fato combina com o que disse Lukács (2000, p.92): "Essa inadequação tem grosso modo dois tipos: a alma é mais estreita Ou mais ampla que o mundo exterior que lhe é dado como palco e substrato de seus atos".

Sendo assim, seria muito simplista chamar esses dois personagens de desequilibrados e procurar um estudo voltado para a psiquiatria com o intuito de responder o motivo da loucura. Talvez os menos ajuizados sejam aqueles que concordam que o hospício deva ser realmente o lugar de Policarpo Quaresma e Dom Quixote. Diz-se isso porque a postura que os dois tomam diante da realidade social e política não se resumem aos simples devaneios. Eles simbolizam a defesa do interesse de uma classe da qual não fazem parte. São os oprimidos e marginalizados que precisam da ajuda dos heróis que por sua vez não podem hesitar diante da missão salvadora da humanidade. Nesse sentido, ocorre com os personagens o que Lukács (2000, p102) afirma:

A vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio. Ele se lança sobre elas, pois para ele a vida só pode ser o mesmo que fazer frente as aventuras. A concentração e a problemática de sua interioridade, tida por ele com a essência mediana e trivial do mundo, obriga-o a convertê-la em ações; quanto a esse aspecto de sua alma, falta-lhe todo tipo de contemplação, todo pendor e toda aptidão para uma atividade voltada para dentro. Ele tem de ser aventureiro. Mas o mundo do que ele tem de escolher como palco de suas ações (é uma curiosa mistura de organicidade florescente alheia a ideias, e de convenção petrificada das mesmas ideias que, em sua alma, desfrutam de uma vida puramente transcendental.

Como se vê, para ter a ousadia de enfrentar uma sociedade de consciência e ideias petrificadas, é preciso ser meio louco (no sentido positivo do termo), pois a fuga da realidade e a "loucura" relativa dos personagens supracitados têm por trás um desejo revolucionário e edificante a não ser para os poderosos que não querem perder ou ver diminuídas as suas patentes. O tom quixotesco que está presente no cerne ideológico de Policarpo Quaresma é visto na seguinte passagem da obra "O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha":

Por fim, perdido o resto do juízo que ainda conservava, ocorre-lhe o mais estranho pensamento que jamais passara pela cabeça de outro louco neste mundo: pareceu-lhe conveniente e necessário tanto para o engrandecimento de sua honra como para o proveito da República, fazer-se cavaleiro andante, e sair pelo mundo com armas e cavalo, em busca de aventuras e a exercitar-se em tudo o que havia lido acerca das práticas dos cavaleiros andantes desfazendo todo gênero de agravos, enfrentando agruras e perigos... (CERVANTES, 1983, p. 29).

Assim, esse pensamento solidário de atuar no sentido de reparar as "injustiças, pôr as coisas nos eixos e endireitar os tortos" (como diria Dom Quixote) é partilhado por Policarpo Quaresma. Talvez seja por isso que ambos, Dom Quixote e Policarpo Quaresma,

sejam tidos como loucos, isto é, devido as suas ideias pouco convencionais. Daí surgem obstáculos que não permitem que o idealismo dos dois sejam exequíveis, ou seja, ocorre um choque entre o ideal e o real. A sociedade que servia de campo de batalha para os aventureiros não os compreendeu. É o que acontece quando uma sociedade não está preparada para mudanças sociais e políticas radicais. Nesse sentido, o que se acha mais oportuno é colocar esses heróis numa "camisa-de-força", pois só loucos pensam em mudar paradigmas sociopolíticos. Desse modo, a "loucura" que é um subterfúgio apresenta-se como um caminho inevitável. Como afirma Lukács (2000, p.107):

E Cervantes, o cristão devoto e o patriota ingenuamente tear, atingiu pela configuração, a mais profunda essência desta problemática demoníaca: que o mais puro heroísmo tem de tornar-se grotesco é que a fé mais arraigada tem de tornar-te loucura quando os caminhos para urna pátria transcendental tornaram-se intransitáveis; que a mais autêntica e heroica evidencia subjetiva não corresponde obrigatoriamente à realidade.

Os desafios que Policarpo Quaresma e Dom Quixote se propuseram a enfrentar não foram bem-sucedidos, pois o que havia em suas mentes dificilmente seria concretizado no plano real. Diante disso, o que se vê é uma série de decepções. Um exemplo desse fato é que em uma das lutas de Quaresma na qual quis mostrar a possibilidade do progresso do Brasil por meio da agricultura, ocorreu um fato trágico: as "saúvas" foram mais fortes, ou seja, destruíram a plantação e colocaram abaixo o plano de um país farto em alimentos. Foi um baque intenso, mas que não conseguiu sufocar os ideais de um grande herói semelhante a Dom Quixote que se levanta e segue em frente mesmo após ter confundido moinhos de vento com gigantes, duelado com os mesmos e perdido a batalha. De qualquer forma, a cada aparição da realidade era como se fosse uma derrota para os dois visionários. Dessa forma, heróis e vítimas dos seus próprios ideais, Policarpo Quaresma e Dom Quixote teriam que ser punidos devido à subversão, ou seja, é como se a sociedade tivesse que exilar, tirar de cena os militantes de causas nobres como: a justiça e a solidariedade.

Esses dois personagens trazem, portanto, nas suas essências não a mera coincidência de um desvio da razão que é até questionado, mas a confluência ideológica no tocante à crítica e ao desejo de justiça social são os méritos mais relevantes de dois heróis que sem demasia poderiam ser chamados de mártires.

Considerações finais

A ideia de pôr em debate as afinidades ideológicas presentes nos personagens supracitados não é, nem de longe, uma ótica original. Teóricos, a exemplo de Bosi (1994), já constataram algumas paridades entre o personagem brasileiro e o espanhol. Todavia, o que se quis, nesse trabalho, foi discutir, por meio de dois arquétipos, o quanto a arte literária pode ser instrumento da representação de anseios e utopias para um mundo mais justo e harmonioso. Na verdade, Policarpo Quaresma e Dom Quixote têm em seus âmagos o desejo sincero de construir uma sociedade melhor de se viver.

A Visão utópica deles simboliza uma antítese ao sistema sociopolítico vigente. Paradoxalmente, a "loucura" é o único refúgio ou castigo para as ousadias hercúleas dessa dupla. O Quaresma sempre terá um "Floriano Peixoto" pela frente enquanto o Quixote nunca escapará dos "moinhos de ventos". Eles são, portanto, figuras metafóricas que dizem muito para a humanidade que muitas vezes, pelo processo de alienação, são incapazes de enxergar as mazelas as quais são, injustamente, submetidas.

Em épocas e contextos distintos, Miguel de Cervantes e Lima Barreto parecem parodiar, com extrema maestria, a imagem de um herói que se expõe deliberadamente ao ridículo para ser compreendido e quiçá causar algum efeito positivo na sociedade. O desfecho outorgado pelos autores aos seus personagens mais famosos não foi dos mais exitosos. O brasileiro morre fuzilado pelo governo em que ele tanto confiou. O espanhol falece pelo desgaste físico das batalhas inócuas realizadas. O fim melancólico dessas figuras embora possa provocar “um choque de realidade”, ou seja, se chega à impressão de que não adianta lutar contra um sistema que dita regras e estabelece divisões de classes, há implicitamente um fio de esperança de que em algum momento os “Florianos e moinhos” serão derrotados.

O idealismo e o engajamento tão vigorosos nesses personagens dão sinais de que “a vida vale a pena quando a alma não é pequena”. As palavras (ditas anteriormente) tomadas de empréstimo do poeta português Fernando Pessoa dão bem o tom da essência do que foi discutido até aqui. O Major Quaresma e Dom Quixote, apesar do respeito que tinham na sociedade, precisaram sair do lugar-comum para serem almas generosas e grandiosas. Não obstante os fracassos, eles nos dão a grande lição de que o mais importante é ter a consciência de uma luta digna por causas justas.

Referências

- BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto**. 6 ed. Rio de Janeiro: J. OLIMPIO, 1981.
- BARRETO, L. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Klick, 1997.
- BITTECOURT, G. N. da S. (org.). **Literatura comparada: teoria e prática**. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- BONNICI, T. ; ZOLIN, L. O. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAIT, B. **A personagem**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- CERVANTES, M. de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1983.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. 3 ed. São Paulo: Martins Pontes, 1997.
- JUNIOR, B. A.; CAMPEDELLI, S. Y. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Círculo do livro, 1991.
- LUCAS, F. **O caráter social da ficção no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

LUCKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas cidades, 2000.

MONTENEGRO, O. **O romance brasileiro**. 3 ed. Recife: FUNDARPE, 1996.

MORAIS, R. de. **Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHWARZ, R. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tempos sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.